

N^o 73

Coleção

TEXTOS

ACADÊMICOS

Ano 2

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**NEWTON NAVARRO; O ARTISTA
E SUA OBRA**

Marlene Gouveia Galvão

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Letras

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE ARTES

Dept. História - NEH
ACERVO BIBLIOGRÁFICO
RIO GRANDE DO NORTE

HEMION MAGRO
O ARTISTA E SUA OBRA

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

Monografia submetida à Universidade
Federal do Rio Grande do Norte, para
fornecer, em 10/01/81, ao Conselho para
fins de processo seletivo de ingresso
de estudantes de graduação em História
e Letras, a finalidade de avaliar o grau
de aproveitamento do candidato em
fornecer o número de pontos da prova
por candidato.

Dr. Vicente Vitoriano, grande artista
nosso, o abaco de
Márcio Galo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES

NEWTON NAVARRO;

O ARTISTA E SUA OBRA

MARLENE GOUVEIA GALVÃO

Monografia submetida à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, conforme Res. nº 30/81 do CONSEPE, para fins de processo seletivo objetivando a inclusão de Auxiliares de Ensino e Professores Colaboradores na referência inicial da classe de Professor Assistente.

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL

NATAL, JANEIRO DE 1982

R. 147
03-06-86

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL
COLEÇÃO TEXTOS ACADÊMICOS, 73

REITOR: Prof. Diógenes da Cunha Lima

VICE-REITOR: Prof. Esequias Pegado Cortez Neto

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO: Prof. Pedro Simões Neto

COORDENADORES DO PROGRAMA: Heloísa Carmen Lordão Monteiro

Maria Salete Pereira da Silva

João Afonso do Amaral

EQUIPE DE APOIO: Jacinta Leite de Oliveira

Pedro Gutemberg Pinheiro de Souza

Roberto Anderson da Silva

José Tavares Filho

Galvão, Marlene Gouveia.

Newton Navarro; o artista e sua obra. Natal,
PRAEU, 1982.

49f. il.

Monografia (concurso) Univ. Fed. Rio Grande
do Norte.

1. Newton Navarro - Biografia - Monografias.
2. Pintura - Biografia - Monografias. I. Título.

CDU 92:75(043.3)

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte mantém um programa de estímulo ao trabalho intelectual que nasceu da necessidade de valorizar e difundir a produção intelectual acadêmica. Consiste, basicamente, na reunião de todas as dissertações, teses e monografias elaboradas por Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, num espaço físico a que denominamos "Banco de Estudos Universitários" e que serve como fonte de consulta à toda comunidade acadêmica.

A partir da classificação desses trabalhos, uma comissão composta por membros do Conselho Editorial e representantes dos departamentos acadêmicos, seleciona obras representativas de suas áreas, para publicação.

O programa prevê a edição de duas coleções: Estudos Universitários, com livros impressos em off-set pela Editora Universitária e Textos Acadêmicos, reproduzidos pelo sistema de mimeógrafo, pelo grupo técnico da coordenação do programa, na sede da Pró-Reitoria para Assuntos de Extensão Universitária.

A UFRN pretende editar cerca de 400 títulos através das duas coleções, ao mesmo tempo em que publica um Catálogo Geral, demonstrativo de todo o esforço intelectual da comunidade universitária norte-rio-grandense.

É um programa ambicioso, mas simples e concreto como a vontade de fazer. Na medida em que estabelece um volume quantitativamente ousado de títulos para publicação, adota uma definição técnica no mínimo humilde para realizá-lo: a opção do mimeógrafo para a maioria das edições.

Há de ser reconhecido que a produção intelectual das Universidades tem sido dirigida para objetivos que escapam à produção ou transmissão de conhecimentos: promove currículos acadêmicos, ou é confinada em prateleiras. Em ambas as hipóteses, o ineditismo dos trabalhos conspira contra os seus verdadeiros desígnios.

Nosso programa atende ao objetivo maior de difundir o conhecimento assimilado ou produzido pela Universidade, revalorizando o esforço intelectual dos professores ao mesmo tempo em que estimula a sua aplicação. E nenhuma outra pretensão nos orienta.

Diógenes da Cunha Lima

Reitor

S U M Á R I O

	PÁG.
RESUMO	05
CAPÍTULO 1	06
INTRODUÇÃO	
CAPÍTULO 2	09
IDENTIFICAÇÃO DO ARTISTA, SUA FORMAÇÃO	
CAPÍTULO 3	17
O ARTISTA E O MEIO AMBIENTE	
CAPÍTULO 4	25
FASES MAIS EXPRESSIVAS	
INFLUÊNCIAS RECEBIDAS	
CAPÍTULO 5	33
EXPOSIÇÕES	
CAPÍTULO 6	41
OBRA LITERÁRIA	
6.1 - Escolinha de Arte "Cândido Portinari"	41
CAPÍTULO 7	47
CONCLUSÃO	
BIBLIOGRAFIA	50

Ilustrações

Quadros de 1 a 7.

Desenhos componentes do último álbum de Newton Navarro, com
figuras do "Bumba-meu-boi".

R E S U M O

O resultado da pesquisa que realizamos está distribuído em 7 Capítulos que enfocam os dados da vida e obra de Newton Navarro.

Tivemos a preocupação de transmitir sua vivência artística, desde as primeiras manifestações e influências recebidas, até a definição de seu trabalho amadurecido e consciente, registrando, algumas vezes, suas opiniões muito pessoais e, outras vezes, conceitos de estudiosos sobre a Arte e a Forma na Arte, bem como sobre o Desenho como forma de Arte.

Com relação a sua obra literária, apenas cita mos as peças de maior d staque, sem contudo, procurarmos analisá-la ou situá-la em algum movimento.

Fazemos referência ainda à criação da Escolinha de Arte "Cândido Portinari", cuja concretização se deve ao pintor em foco.

Em todo o trabalho, fixamos o sentimento de misticismo que é uma constante na maneira de sentir do pintor-poeta, não um misticismo piegas, puritano, mas a mensagem forte, presente em nossas raízes.



mauricio.80

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

I N T R O D U Ç Ã O

O nome de Newton Navarro, nos parece, se si
tua no meio artístico entre os da maior importância, não sõ
para o Rio Grande do NORte, como também para o Brasil.

A forma plástica de seu trabalho, sua maneira
mais antiga de expressão - O DESENHO - será o enfoque princi
pal de nossa pesquisa.

Nosso trabalho tem como objetivo dar uma vi
são geral do artista e sua obra, apresentando, de um modo mais
ou menos ordenado, as diversas fases de sua vida, enriquecido
com o depoimento de alguns críticos e intelectuais conhecedo
res da obra do pintor.

Para esta pesquisa nos servimos das informa
ções colhidas através de entrevistas, publicações, conversas
com pessoas contemporâneas do artista, conhecedoras de seu
trabalho, críticas, catálogos de exposições, depoimentos de in
telectuais, de todo e qualquer material informativo que nos
proporcionasse subsídios reais para levarmos a termo nosso
objetivo.

Queremos salientar e agradecer a boa vontade
e solidariedade que encontramos junto a todas as pessoas que
procuramos para colher informações sobre o Artista, inclusive
a atenção do próprio Newton Navarro e de sua mulher, Salete,
que nos receberam em sua casa.

É o caminho que percorremos tentando, despre
tenciosamente, chamar a atenção para a valiosa obra de um pin

tor nosso, que se renova a cada dia.

As páginas que se seguem são o resultado de nossa pesquisa que procuramos transmitir de maneira simples e objetiva.



NEWTON NAVARRO BILRO é seu nome completo.

Nasceu em 1928, na cidade do Natal. Como ele diz: "Tive a felicidade de nascer no coração da cidade que é o Grande Ponto, na casa da minha avô".

Seu pai, Elpídio Soares Bilro, era um sertanejo da região do Cabugi, e sua mãe, Celina Navarro Bilro, professora primária.

Iniciou os estudos no velho Colégio Marista onde hoje é a Igreja do Galo. Depois, o colégio se transferiu para onde, atualmente, funciona o Colégio Marista. Em seguida, foi estudar no Ateneu que ficava na subida da Junqueira Aires.

Muito cedo, sentiu a enorme influência que o pai iria exercer sobre ele, no reconhecimento do artista nato, descoberto na figura importante do progenitor com quem muito se identificava. Assim, ele descreve o pai: "Feito artista pela mão de Deus, ele, humilde classificador de algodão, trabalhava muito bem a madeira, o ferro e a alvenaria".

"Em 1922, em Angicos, onde morava, na véspera do dia de São José, 18 de março, caíra o galo de uma das torres da Igreja. Numa sequência de escadas improvisadas, sem qualquer garantia de segurança, ele subiu e refez o galo para que os festejos em honra do santo tivessem continuidade. No dia seguinte, ao som de banda de música, a procissão percorreu normalmente as ruas da cidade e ele foi, então, a figura mais homenageada pelo trabalho que realizara".

Para ressaltar a sensibilidade do pai, Newton nos diz de um acontecimento em sua infância que muito lhe mar

cou: "uma vez eu tinha um passarinho - Azulão - e era um azulão mesmo. Perdi esse passarinho. Nós morávamos na Alexandrino de Alencar e eu tinha naquela época uns 5 anos, aproximadamente. Enquanto eu dormia, meu pai, rememorando o passarinho perdido, fez um outro em madeira e me presenteou quando acordei. Minha alegria foi imensa e, na minha pureza eu quis que ele voasse, tão bonito havia ficado".

Newton sente na figura do pai a pessoa que iria abrir o caminho para sua realização como artista plástico. "Não tomei emprestado, eu devo".

Enquanto seu pai o estimulava com relação a suas tendências artísticas, sua mãe era contrária a que ele as desenvolvesse. Mesmo assim, com cerca de 4 anos começou a dar evasão a sua capacidade de criar. Sua mãe, na qualidade de professora, sempre dispunha de giz em casa, para o quadro negro. "Eu tirava os tocos de giz para desenhar na calçada, a calçada alta da minha casa. A casa, onde comecei minha infância e minha arte, ainda hoje existe. E eu, então, desenhava muita coisa na calçada. Que beleza! Gostaria de ver: eram borboletas, eram pássaros, era o Cristo...".

Saindo do Ateneu, Newton viajou para o Recife, onde pretendia estudar Direito. Nessa época, seu interesse pela atividade artística já havia progredido muito.

No Recife, conviveu com 2 artistas que considerava da maior importância no cenário artístico nacional: Aloísio Magalhães e Reynaldo Jenseca, "hoje, para mim, um dos maiores pintores do Brasil". Na mesma ocasião, conheceu Hélio Feijó, com atelier na Rua da Aurora, Ladjane Bandeira, entre outros.

Como quisesse ingressar na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco e estivesse esgotado o prazo para fazer a matrícula respectiva, recorreu ao escritor Gilberto Freire, então Deputado Federal, eleito pelos estudantes de Pernambuco, no sentido de que, junto ao Professor e pintor Lula Cardoso Ayres, conseguisse seu objetivo. E o deputado Gilberto Freire lhe entregou uma carta muito curiosa, toda um autógrafo, endereçada ao Prof. Lula Cardoso Ayres que a recebeu muito bem. Posteriormente, este foi seu mestre, no curso livre de pintura que fez na Escola de Belas Artes.

Em Recife, recebeu todo o preparo, a técnica, para desenvolver a pintura *"mas senti que meu domínio era o traço"*. Esta opção foi fruto de uma decisão consciente e tem sido a constante em todo o desenrolar de seu trabalho - O Grafismo - *"Uso o traço como domínio e amenizo, às vezes, o rigor do traço com um claro de aquarela ou mesmo com a tinta gouache aguada"*.

Houve época em que dominou o óleo mas não posuía nenhum trabalho feito com esta técnica. Os que realizou estão com amigos, integrando suas coleções. Com a experiência, sentiu que seu processo de pintura a óleo não transmitia a mesma leveza conseguida por meio do nanquim, do aquarelado ou mesmo da tinta gouache.

Através da linha, do grafismo, Newton vem conseguindo transmitir a ideia de expressão, movimento e ritmo, apesar de a linha ser considerada abstração com relação ao aspecto visual dos objetos ou de quantas formas se queira expressar.

Se voltarmos ao primitivo homem da caverna, va

mos encontrar suas primeiras manifestações artísticas expres
sas através da linha.

Note-se que grandes pintores, de variados es
tilos, possuem no desenho sua mais extraordinária forma de ex
pressão, conseguindo, com um mínimo de esforço, enorme fluên
cia de formas tridimensionais. A cor é usada então apenas para
dar idêia do tom local, ou, como no caso do pintor em foco, pa
ra suavizar a agressividade do traço.

O desenho não é, obrigatoriamente, considerado
pelos estudiosos ato preliminar para a pintura. Ele pode ser
concebido como um fim e si e não um meio apenas.

Os antigos aprenderam a desenhar por meio da
pintura. Eles iniciavam seus estudos com o pincel e se exerci
tavam a tal ponto em seu manuseio que, quando passavam a usar
o lápis, tinham que fazê-lo com a mesma leveza e segurança com
que usavam o pincel. Às vezes, recorriam ao desenho para fixar
anotações rãpidas de momentos de inspiração, mas, nem sempre,
com uma relação imediata com o processo de pintura.

Se nos detivermos ainda na época do Renascimento,
vamos encontrar os desenhos de Signorelli, de Leonardo da
Vinci, de Miguel Ângelo, de Rafael, como meio de expressão de
seus pensamentos mais íntimos, sem se preocuparem com a possi
bilidade de estarem se desvendando perante a humanidade. Desenh
avam, frequentemente, como se escrevessem, explorando o mais
íntimo de seus espíritos, cheios de curiosidade intelectual.

Enquanto Signorelli se preocupava, principalmente,
com o registro de figuras em movimento tentando captar
atitudes que lhe pareciam significativas, Leonardo não sô se

preocupava em desenhar uma flor como também uma fundição de um canhão e já Miguel Ângelo tentava expressar os mais variados aspectos do mundo visível, tendo como resultado trabalhos que poderiam ser considerados concluídos ainda na fase do desenho. (Fonte de estudo: "O Sentido da Arte")

Não estamos pretendendo fazer comparações entre o desenho de Newton e os pintores citados, mas apenas que remos ressaltar que o desenho pode ser tão rico e significativo, tão completo, que chega a ser encarado como obra de arte.

Apenas como ilustração das considerações que estamos fazendo nesta pesquisa do desenho como forma de expressão, chegamos a Portinari, pintor dos nossos dias, usando o traço com profundo conhecimento, e cujos estudos, inspirados na sua vivência, numa ressonância de todos aqueles momentos difíceis por que passou na infância e na adolescência, nos levam a participar, através da força de seu desenho, da mensagem a que se propôs transmitir. Seus desenhos, executados com tal segurança, adquiriram personalidade própria, muito embora, quase sempre, fossem estudos para futuros trabalhos de pintura. Entretanto, podem ser analisados de per si como verdadeiras obras de arte, principalmente se levarmos em consideração o conceito seguinte: "Para conseguir ser um artista, é necessário dominar, controlar e transformar a experiência em memória, a memória em expressão, a matéria em forma". (1) E isto ele conseguiu.

A Arte tem como objetivo sublimar o homem, ele

(1) Fisher Ernst. *A Necessidade da Arte*. Leandro Konder 3^a ed. Rio de Janeiro. Zahar Editores - 1971 - pág. 14.

vã-lo ã constante procura de si mesmo, tornã-lo imortal atra
vês dos tempos, trans e dendo a tudo o que se extingue.

A obra de arte ã decorrência de um processo
racional e consciente aperfeiçoado pelo poder da emoção. Esta
ã tratada, transmitida, dentro dos recursos de que dispõe o ar
tista, para transformar-se em realidade.

*"O que esperamos realmente de uma obra de arte
ã certo elemento pessoal - esperamos tenha o artista, se nã
espírito distinto, pelo menos sensibilidade distinta. Espera
mos nos revele algo de original - visã ãnica e particular do
mundo". (2)*

A obra de arte sã se completa realmente quando
o artista consegue transmitir sua mensagem, seu objetivo, atra
indo sobre si a atençã do observador, contagiando-o de uma ma
neira total.

A temãtica pela qual se define um artista, mes
mo sendo fruto de uma pesquisa ampla e constante, geralmente
sofre a influẽncia direta de suas experiẽncias vivenciais com
suas alegrias, suas tristezas, seu realismo, seu misticismo,
suas dũvidas, suas certezas, seus anseios, o mundo que o ro
deia.

Newton, entre muitos, ã a constataçã da con
clusã que acabamos de externar. De uma forma muito singular,
ele explica a maneira como se definiu pela temãtica nordestina,

(2) Read Herbert. *O Sentido da Arte*. E. Jacy Monteiro, 3^a ed.
São Paulo - IBRAS - 1976 - pãg. 28.

presença constante em seu trabalho: "Meu pai era um homem hu milde. As férias de junho nós passávamos no sertão, com ele. Lã, me admirava muito um vaqueiro chamado "Quixaba". Ele vinha tangendo o gado com o aboio e não usava chibata nem coisa ne nhuma. Naquele tempo o aboio é que conduzia o gado, a tonância, a sonância, a melódica do aboio que Cascudo revela, admiravel mente, nos "Vaqueiros e Cantadores" no Dicionário do Folclore Brasileiro, uma das obras mestras da Literatura Universal. O boi vai pela toada do vaqueiro. Aquilo então me dava tristeza, às vezes alegria... Eh! Meu boi... Surubim... Asa Branca... Aquilo me deu na alma acordes emocionais e esses acordes da al ma se refletiram nos gestos maquinais. Poderia ser um excelen te jogador de beisebol ou de basquetebol ou poderia atirar ân coras excelentes no rio. Mas me ocorreu o TRAÇO e o traço veio e o aboio deu a forma trsica e não onomatopaica, nem sequer me lódica, mas a cor, o nanquim".

Ele diz ainda: "Minha temática é o Nordeste. Mesmo quando pinto Don Quixote eu o ponho vestido de vaqueiro, com traços característicos do homem nordestino. E quero ressal tar a dívida de gratidão que tenho com Luiz da Câmara Cascudo, cujos ensinamentos e conversas influenciaram minha temática te lúnica".



CAPÍTULO 3

O ARTISTA E O MEIO AMBIENTE

"Eu sou uma resposta do que vi e vivi. Por exemplo, o sertão, o meu pai, a casa da minha avó, a vivência boêmia do Recife naquela época, extraordinária, e a sua liberdade. O artista tem que ser participante".

Com isto Newton afirma sua posição diante da sociedade, do meio ambiente, e diz mais: "O artista, como excelente intérprete de Deus, tem obrigação de denunciar".

"Um artista só pode exprimir a experiência da qual o seu tempo e suas condições sociais têm para oferecer. A subjetividade de um artista não consiste em que a sua experiência seja fundamentalmente diversa da dos outros homens de seu tempo e de sua classe, mas consiste em que ela seja mais forte, mais consciente e mais concentrada. - A Arte, ela própria é uma realidade social - O Moisés de Miguel Ângelo não era só a imagem artística do homem do Renascimento, a corporificação em pedra de uma nova personalidade consciente de si mesma. Era também um mandamento em pedra dirigido aos contemporâneos de Miguel Ângelo e a seus dirigentes: - É assim que vocês precisam ser. A época em que vivemos o exige". (3)

Em seu trabalho, Newton imprimiu um alto teor de humanidade e misticismo o que faz com que ele atinja a um grande número de pessoas. Encarando a sociedade como meio ambiente, ele acredita que o homem atual tem que dar uma solução dentro de sua Arte, não pode viver uma arte alienada.

Evoca a figura de São Francisco como sendo o

(3) Fisher Ernst. A Necessidade da Arte. Leandro Konder 3^a ed. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1971 - pág. 56.

veículo de Deus para levar a mensagem de humildade a todos os homens e ele, como artista, se sente na obrigação de continuar a divulgar a beleza dessa mensagem. "Eu sou um místico e tenho total necessidade de expressar esse misticismo. Lembrando um verso de Antero de Quental, ele diz:

"Na mão de Deus, na sua mão direita
Repousa afinal meu coração.
É no castelo encantado da ilusão
Desci, passo a passo, a escada estreita".

Sentindo que a presença de Deus é o impulso mais forte para expressar toda sua criatividade, ele não sente a necessidade de Deus. Ele é essa necessidade. É a presença de transmissão de um recado, imbuído dessa condição que lhe foi dada de poder se emocionar diante das coisas que lhe são apresentadas e dizer, como Paulo Mendes Campos: "Eu leio nas nervuras das folhas o recado de Deus".

Considerando que o artista é uma pessoa extremamente sensível, o transcendente, este sentimento de glória interior voltado para o belo, influencia sua obra no sentido direto de atingir o homem, em sua sensibilidade, não o indivíduo isoladamente, mas a comunidade, cuja continuidade histórica é, de certa forma, assegurada pela religião que tem seus valores modificados à medida em que a sociedade se transforma.

A sensibilidade religiosa é um fator de muita influência na criação de um trabalho de arte, muito embora o artista viva, aparentemente, afastado de qualquer fé religiosa.

É Newton quem diz repetindo Exupéry: "Somente o espírito soprando sobre a matéria pode fazer o homem" -

Diz do artista, diz do homem, diz do humilde, diz do leproso, diz de tudo".

A magia de Newton está intrínseca na forma como ele apresenta suas criações, revelando o artista forte, de estilo marcante que forma é o que revela o artista, que lhe dá o estilo", como ele diz.

"São famosos seus Cristos, sofridos, crucificados entre pedaços de animal esquartejado num açougue, ou os seus santos convivendo noite e dia dentro dos sertões, comendo o cacto amargo e andando de rudes alpercatas de couro. Já pintou touradas, ruas de Paris; no entanto, sempre volta aos vaqueiros, aos casarões sombrios do bas-fond natalense. É primariamente preto e branco, porém retorna com frequência ao colorido jovem e sobrenatural da aquarela, desmaiada em tons azuis de uma iemanjá cantarolando nas praias brancas da Redinha". a) Iaperi Araújo (4)

Um mesmo conteúdo pode ser tratado das mais variadas maneiras e sô um artista, na sua concepção plástica, consegue transmiti-lo com aquela individualidade que lhe confere o estilo e que faz com que o observador seja tomado de emoção diante de um quadro.

Diz Newton: "Pela forma hão de dizer - Picasso, hão de dizer - Matisse, hão de dizer - Leonardo da Vinci, hão de dizer - os Egípcios. Porque centenas de falsos artistas pintaram a Ceia Larga e uma ficou guardada, porque? É a forma

(4) Pontual Roberto. *Dicionário das Artes Plásticas do Brasil*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira S.A. 1969. pág. 379.

que revela o artista".

"Arte é a doação de forma e é só a forma que pode transformar um produto em obra de arte". (5)

"A forma na Arte é a aparência dada a um artefato pela intenção e pela ação humana. (6)

As figuras essenciais de Newton - o vaqueiro (que tanto influenciou seu chamamento para a Arte), o pescador, os violeiros, osapanhadores de algodão, a rendeira, os folguedos populares, seus santos, seus Critos, enfim, todas aquelas figuras extraídas de sua sensibilidade e de sua capacidade criativa mística e terrena ao mesmo tempo, são tratadas com a força que imprime caráter e vigor a uma obra de arte.

"Pintor social, de raízes telúricas, seus painéis e murais testemunham facetas nordestinas que examinadas clinicamente, resplandem e tomam relevo na nossa sensibilidade contemplativa, até se transformarem em poderosa força expositiva de uma tomada de consciência perante situações humanas. Pintor individual, ele prima por uma espontânea movimentação de tipos locais, isolados, em que ressalta o valor estético do conjunto sem que haja necessariamente a preocupação objetiva ou pictórica, onde o domínio do aquarelista é inegável. ... Em que pese o imaginativo, no entanto, Newton Navarro não pode escapar à influência do metódico e até do minucioso, onde seus processos, mesmo em estado de hipótese, revelam o esquemático,

(5) Fisher Ernst. *A Necessidade da Arte*. Leandro Konder. 3^a ed. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1971 - pág. 174.

(6) Read Herbert. *As Origens da Forma na Arte*. Waltensir Dutra 2^a ed. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1967 - pág. 69.

seja desfiando músculos, seja entoando plasticamente melodias em cores para conseguir converter numa batuta mágica o pincel transformado em vetor, a transluzir perfeição para deleite de nossos sentidos". Mais adiante: "É o realce quase escultural dos músculos sob contorções indômitas desses animais (bois e cavalos) vergados ante o poder do sertanejo, resultante de posições violentas, a emprestar um clima de luta e exaltação à terra agreste onde o Homem é sobretudo um forte". (7)

Transcrevemos um depoimento dos mais justos sobre a obra de Newton Navarro, feito pelo crítico de Arte, Iapeiri Araújo, especialmente para integrar esta pesquisa, onde ele diz o seguinte:

"Inegavelmente, Newton Navarro é a figura de maior importância nas artes plásticas do Rio Grande do Norte. Surgindo em 1949 numa exposição onde contrapôs-se a todo um academicismo reinante, foi o impulsionador das artes modernas no Estado do Rio Grande do Norte. Em 1950, juntamente com Ivon Rodrigues, atualmente radicado na Espanha e Dorian Gray, realiza o II Salão de Arte Moderna, apresentando um desenho simples mas de grande expressividade onde o figurativo era observado sem os rígidos conceitos do academicismo, chegando a chocar a intelectualidade da Província tão afeita a regras restritivas de beleza e composição artística.

Durante muito tempo, Newton Navarro, juntamente com Dorian Gray foram os únicos a executarem uma arte mais desvinculada desses conceitos. Lutaram contra o reacionarismo

(7) Romano Luiz. Publicação "Contactos", setembro. 1971.

e conseguiram impor sua arte pela persistência do trabalho que desenvolveram.

Newton Navarro realizou estudos fora de Natal, viveu outras terras e realizou exposições, sempre identificado com as coisas do Nordeste, as pessoas em seu lazer, as danças tradicionais e a mitologia. Os santos populares revivendo no solo a mesma tradição de sobrevivida. Cactus e santos, pés largos e maltratados. Vestes rôtas e mal-acabadas, como o próprio homem do povo.

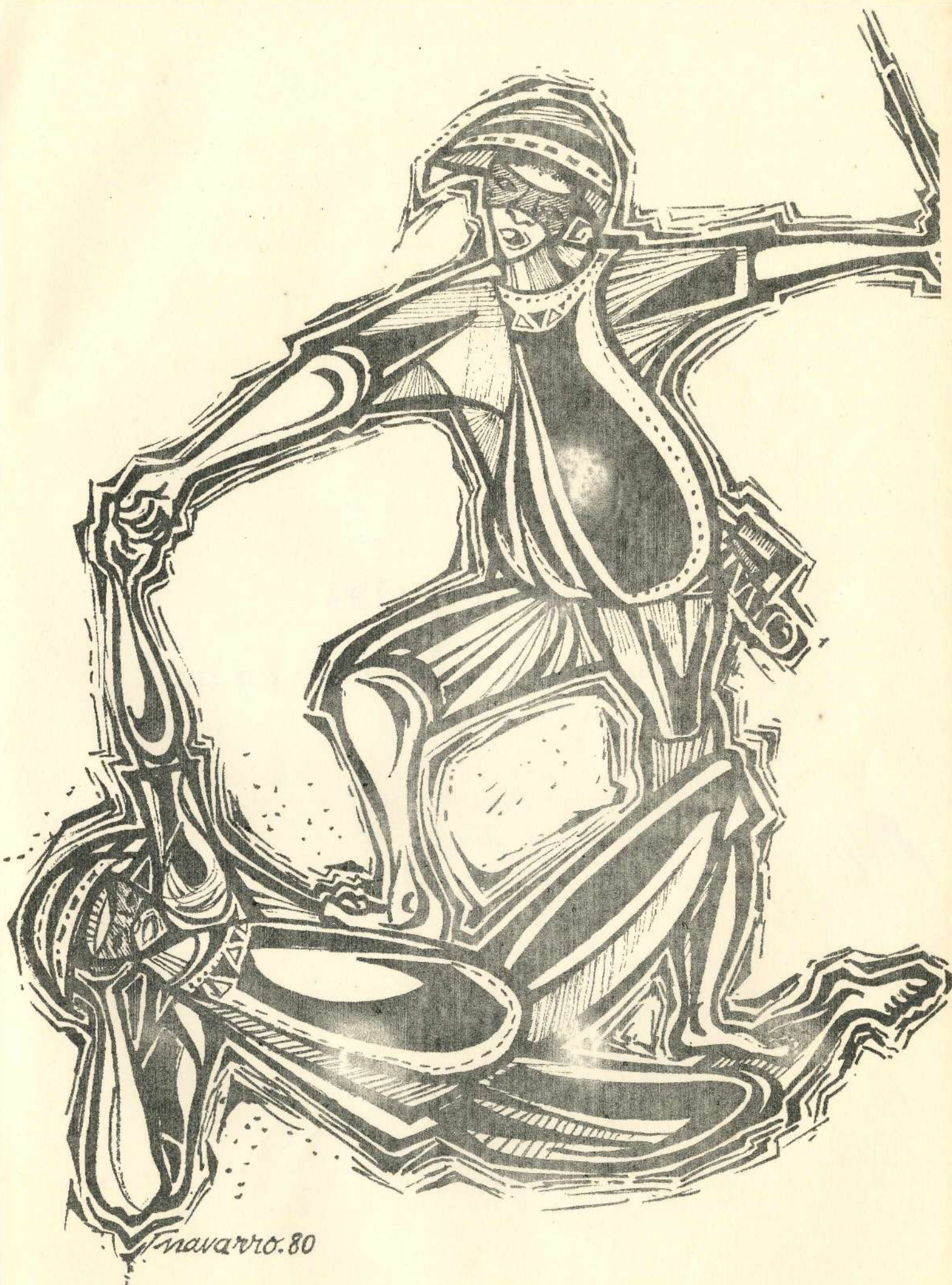
Identifica-se em visão retrospectiva, a utilização de vários temas não considero fases essas fixações temáticas, pois seu desenho sempre esteve num mesmo nível, aperfeiçoando-se cada vez mais sem identificar propriamente uma fase.

Na temática de Natal e seus habitantes ele busca identificar os largos e ruas da boemia. Becos simples, casário humilde. Igrejas e prédios onde a história da Cidade se escreve em cada risco de parede. Bananeiras dos quintais. Casas simples das favelas, recortando-se ao céu repleto de pipas coloridas. O rio Potengi descortina ao artista uma visão mais lírica. A praia da Redinha e seus habitantes. Marinheiros aguardando no cais, as mulheres da noite. Peixeiros e labirinteadas. Mulheres-rendeadas construindo na espera da jangada, o traço e a linha de Penélope.

Depois a temática do sertão de Angicos. Tangarinos, vaqueiros e jagunços. De quebra, os santos populares. São Francisco, o pobrezinho de Assis palmilhando os caminhos do pico do Cabugi. São Sebastião redivivo nos cajueiros e nos cardeiros floridos. Cristo crucificado num açougue, doando sua carne para o alimento de nossa alma.

Do convívio com a Europa, as paisagens do Se
na, os jardins de Paris. As "plazas de toro" da Espanha, san
gue e areia.

Newton Navarro usa do traço escuro sobre o pa
pel branco, para identificar sua gente, construindo um mundo
de sonhos, na vivência e no contato com a cidade e sua alma".



navarro.80

Sendo um pintor figurativo, por excelência, Newton admite o abstracionismo como forma de arte. "Se você voltar a uma pesquisa da caverna, chegará a conclusão de que os primeiros denunciamentos do homem, em termos de traço, eram abstratos. Porque dentro da caverna o homem imaginava o touro que não conseguia dominar, mas no desenhado, ele dominava, quer dizer, ele se abstraiu do poder físico para chegar ao poder criador, e aí estava o artista".

Ao se defrontar com um trabalho artístico, não sente a necessidade de decompor seus elementos constitutivos: conteúdo, ritmo, expressão, etc., e fazer uma análise fria; ele o vê como um todo, gosta ou não. Situa o artista como seu elemento de maior interesse.

Newton sempre foi e será um figurativo. Admite ter abusado da cor, do traço, da anatomia, "deformando" a figura, e essa "deformação" é consequência de sua criatividade, na procura da forma mais expressiva, ressaltando valores que somente ele saberia encontrar em um resultado coerente com sua visão interior.

Alguns artistas pintam um quadro com a emoção, outros com a cabeça e outros ainda até com sangue, tal a agressividade que conferem a seus motivos, a sua obra.

Newton se expressando através da agressividade de seu traço, procura suavizá-lo com o uso da cor na aquarela, gouche ou manquim aguada, técnicas usadas em seu trabalho que distribui em 3 fases:

- a) A primeira definida pela participação em uma exposição coletiva realizada na Faculdade

de de Direito, na cidade do Recife, em 1948, no I Salão de Arte Moderna, logo após uma exposição do pintor Cícero Dias que escandalizara o Recife com uma mostra não figurativa, e que sintetizava um recado de Picasso. Naquela ocasião, o pintor se deixara influenciar pela pintura de Cícero Dias, tendo então sua experiência no abstracionismo.

b) A segunda fase é caracterizada pelo telúrico, pela busca das coisas do povo, do chão, numa tentativa de se libertar da influência de Cícero Dias mas, sensivelmente, preso à pintura de Lula Cardoso Ayres, seu mestre.

c) A terceira fase: *"Hoje, a minha criatividade de limpa, onde eu uso o pescador, a rendeira, o vaqueiro, os santos, o Cristo ... que eu tentava reproduzir, desde os 5 anos, na calçada alta da minha casa ..."*.

Esta foi a fase do encontro, que trouxe a definição de seu estilo, de sua forma, delimitados nos acordes emocionais traduzidos pelo vaqueiro do sertão onde morava seu pai.

Assim, ele lembra as três fases que considera as mais expressivas de suas atividades como artista plástico.

Ao longo de toda sua vida, ressalta, no entanto, o lado místico de seu trabalho, quando diz: *"Há uma (fase) vertical, faço questão de afirmar, que é o misticismo. Mesmo nas paisagens, na flora, na fauna, nos lírios, nos alecrins, nos cangaçeiros, nos vaqueiros, em tudo, eu sinto a força, a*

presença admirável de Deus, condição da minha Arte. Se eu pudesse defini-la - Arte é uma coisa muito vaga... - A Arte é a própria vivência. É o meu dia, é minha queda, são meus pecados, é a minha saúde, é a minha felicidade, é o beijo da minha mulher pela manhã, é o beijo à noite para dormir, é sua presença, como amiga, me perguntando, hoje, o que é a Arte".

Ele não se situa em nenhuma Escola de Pintura. Vincula-se a um grafismo pleno, permanente.

Ainda sobre suas diferentes fases como artista plástico, dá maiores detalhes quando acrescenta que houve uma fase de surrealismo, uma fase meio onírica, de sonho, época em que pintou vários palhaços e se sentiu fortemente influenciado por Chagall de quem teve a oportunidade de ver uma exposição em Paris, de extraordinária beleza; uma fase lúdica, o retorno às raízes, a sua infância, enfatiza.

Dos trabalhos que vimos em sua casa nos chamou a atenção, entre outros, o que ele denominou de "eucaliptos silêntes", em que 3 árvores juntas parecem transmitir a sensação de figuras humanas se ajudando umas às outras.

Dos cajus pintados em um de seus quadros, ele fala: "Uma lembrança da minha infância, na Redinha, quando minha tia fazia doces de caju excelentes. Não são só decorativos, decoram a saudade".

Ele se classifica como um "grafista", um desenhista que procura revelar no traço uma mensagem, sabendo que a cor é nobre e que ameniza essa cor, que não pode possuir nem dominar, aquarelando, tentando chegar a uma leveza de Dufy e dos bons aquarelistas do mundo.

O movimento de Arte que considerou como sendo da maior importância na história da Pintura, pois deu origem às 3 escolas inovadoras do nosso século (o expressionismo, o fovismo e o cubismo), é o Impressionismo, tendo em Cezanne sua figura principal que, reagindo aos princípios básicos sobre a luz e a cor que norteavam o Impressionismo, revolucionou todas as regras usadas até então, partindo para o princípio de que a cor e a forma deviam constituir um todo absoluto, dando assim origem à Pintura Moderna.

Com todo o reconhecimento do valor de seu trabalho, conforme podemos deduzir, entre outras coisas, de alguns depoimentos de intelectuais e críticos, transcritos nesta pesquisa, Newton não se sente compensado como artista plástico. *"Porque todo artista plástico é angustiado, E se me chamo de artista é porque Deus me deu essa condição através de sua mensagem. Sartre escreveu muito bem num trabalho sobre Arte: - Essa angústia é uma doença mortal - É uma filosofia não cristã, embora eu tenha proclamado meu cristianismo. Angústia é o que dá ao artista ainda a condição de viver. Uns, mais fracos, cedem a uma angústia maior e chegam ao comprometimento com eles mesmos e se afastam de Deus voluntariamente, acabando com a vida. Outros não, mais nobres, continuam no alimento da angústia, servindo a Deus, e nesse serviço, produzindo"*.

Procurando saber que pintores ou outros nomes ligados à Arte, no Brasil, ele citaria como sendo de real valor expressivo, Newton nos falou de suas preferências:

"Reynaldo Fonseca, Lula Cardoso Ayres, João Câmara, Caribê (uma das melhores figuras da Arte Brasileira), Aldemir Martins, Scliar, Samico, muito bom em gravura, Calazans,

ilustrador de Jorge Amado, Mário Cravo, meu velho e querido amigo Augusto Rodrigues, dono da Escolinha de Arte do Brasil, um dos desenhistas mais fortes, mais queridos".

Na qualidade de amigo sensivelmente ligado a Newton Navarro, o Professor Paulo de Tarso Correia de Melo, atendendo a nosso pedido, elaborou um depoimento completo e profundamente interessante a respeito da vida do artista. Retiramos alguns trechos que nos pareceram de grande valor para nossa pesquisa e os transcrevemos:

"Quando conheci Newton Navarro, o precursor da arte moderna no Rio Grande do Norte, eu andava pelos quinze anos. Não o conheci inicialmente como pintor. Acontece que Navarro, muito mais que um artista, é um fenômeno". Mais adiante: "... e tive a sorte de me tornar colega de trabalho de Navarro. Yaponi Araújo e eu nos juntamos a ele e Nísia Bezerra na Assessoria Cultural da Prefeitura do Natal. Muito importante, foi quando nos tornamos vizinhos e daí em diante, amigos fraternais. Partilhávamos paixões comuns, entre outras, Faulkner, Tennessee Williams e Fellini. Surpreendentemente, elas não eram tão idênticas em termos de pintura. Eu, mais jovem, gostava de Dürer, El Greco, dos primitivos italianos e flamengos, dos renascentistas e de Newton Navarro".

"Navarro que já havia passado por tudo isso, descobriu-me Gauguin, Van Gogh, Picasso, Braque, Matisse, Dufy e Pancetti".

"As nossas conversas descomprometidas devo um dos melhores cursos de História de Arte que já tive".

"Antes de sua primeira viagem à Europa, ofere

ceu-me uma natureza morta em 1949, atribuindo-a como seu primeiro óleo ... e hoje ela é designada em nossas conversas como o "old Master".

Falando sobre as diversas fases do pintor e de suas técnicas diz o Professor Paulo de Tarso: "Em nossos tempos de vizinhança, vi nascer e acompanhei algumas destas fases, principalmente a baiana (começa nesta uma intensa pesquisa de novo instrumental, da utilização de meios como café e tinta de impressão. Constitui-se de cenas da lavagem do Bonfim, tocheiros, santos barrocos e outras impressões da Bahia), a dos vaqueiros, e de Paris. Acompanhei a elaboração de trabalhos importantes como a "Santa Ceia" do SESC-SENAC. Assisti à primeira experiência de Navarro com tinta de impressão, desenho que batisei de "A Árvore da Noite" em homenagem a Truman Capote".

Sobre a influência que Newton projetou sobre a gente ligada à Arte, em Natal, ele diz: "Vi serem lançados ou promovidos por Newton muitos artistas jovens, nos tempos da Galeria de Arte da Prefeitura, na Praça André de Albuquerque e da Galéria Xaria, uma das primeiras galerias particulares da cidade, por inspiração de Navarro, por Diógenes da Cunha Lima e eu próprio, na Praça João Maria, da década de sessenta. Entre estes artistas posso citar: Yaponi, Carlos José, Eduardo Pinto, Jomar Jackson, Jussier Magalhães e Aécio Emerenciano. Dos que me lembro de imediato, pois todo artista jovem de Natal pagou seu tributo a "Seu" Navarro".

A respeito da união de Newton e Salete, ele fa la: "Nesta escola (Escolinha de Arte "Candido Portinari") co meça uma das melhores coisas na vida do artista. Seu encontro

com Salete, figura imprescindível à admiração e bem querer de todos os seus amigos".

"Newton é o amigo de uma cidade inteira, com os quais ele distribui as generosas cores que existem nesta cidade. É por isso que quando se escreve sobre Newton pintor, cai-se, vez por outra, na tentação de falar mesmo é do ser humano excepcional que ele é".



manabro.80

CAPÍTULO 5

EXPOSIÇÕES

A primeira exposição realizada em Natal, individual, constando de 60 trabalhos, foi em 1949, quando veio morar aqui, voltando do Recife.

Este acontecimento assinalou uma maior movimentação no meio artístico de Natal.

Voltando ao Recife, fez capas de livros e ilustrou o suplemento literário do Diário de Pernambuco. Com três quadros participou do II Salão de Arte Moderna do Recife.

Em seguida, foi para o Rio de Janeiro onde estudou gravura com Goeldi.

Em 1951 viajou a Buenos Aires ocasião em que fez seu primeiro contato, ao vivo, com vários pintores modernos, de primeira grandeza, entre eles, Picasso, Matisse, Rouault, Braque, Dufy, Van Gogh, Gauguin. Esse contato foi feito através dos Museus que visitava na procura de conhecimentos.

De volta ao Rio de Janeiro, fez curso de História da Pintura com Adrê Lhote, na Escola de Belas Artes.

Além do Recife, expôs em João Pessoa, Salvador, onde conheceu o pintor Pancetti e de quem se tornou grande amigo, Fortaleza, Porto Alegre, Rio de Janeiro, que lhe proporcionou grandes satisfações no reconhecimento e valorização de seu trabalho no meio artístico, e mais recentemente, em Brasília.

Realizando um de seus grandes sonhos, viajou a Paris em 1964, onde conheceu vários artistas, museus famosos e lugares sensivelmente vividos pela boemia parisiense. Naquela cidade vendeu trabalhos seus, quadros, gravuras e desenhos com

temas nordestinos.

Em 1966, voltou à Europa, desta vez expondo em Lisboa. A paisagem seca do nordeste é sua constante. "Terra e figuras, (como ele diz) compondo-se na própria tessitura do desenho".

Mais tarde, expôs em Washington, no saguão do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

A última exposição realizada foi no Rio de Janeiro, no período de 17 a 21/06/80, na Galeria Sergio Milliet da Funarte.

Em 1967, publicou seu primeiro album de desenhos fixando aspectos de Natal. Para este album, o escritor Sanderson Negreiros fez a apresentação cuja cópia anexamos no final deste Capítulo.

Posteriormente, publicou outros albums sempre enfocando motivos locais e figuras representativas de nosso folclore, com raízes profundas nas coisas do sertão. Sobre motivos do futebol publicou 2 albums.

Em 1980, numa promoção da Fundação José Augusto, foi impresso um album de desenhos seus com figuras do bunba-meu-boi.

Acerca deste último album, comenta o escritor Jorge Amado em carta endereçada ao artista: "Fiquei feliz de reencontrar o grande desenhista do Rio Grande do Norte, recriando a cultura, e festa, a vida do povo, com o talento, a solídiedade e a poesia que caracterizam teu trabalho, tua criação". E o nosso grande poeta Carlos Drumond de Andrade: "Estou

encantando com as maravilhosas imagens do "Bumba meu boi" que você me presenteou. A festa vive nelas com intensidade e beleza. Obrigado". Sua obra, realizada em mais de 30 anos de trabalho, está documentada nos painéis que executou para prédios públicos, bancos, museus, albuns de desenho e pinacotecas descrevendo "... o sentimento do artista plástico do nordeste, voltado para sua terra, para as imagens de sua gente e para coisas que fazem a história e a tradição de seu povo", como diz o crítico Iaperi Araújo.

Na sua humildade de homem simples, ele continua a se respeitar na aceitação do que representa. Com toda a angústia que transparece, muito embora seja um místico acima de tudo, acredita no homem, desde que seus impulsos sejam inspirados pelo espírito.

Newton jamais competiu. "A realização do artista está em dar o recado", conforme ele diz. Esta é a sua meta.

Existe um sem número de críticas, todas muito elogiosas, a respeito de sua obra. Mas há uma que lhe tocou de modo particular que, infelizmente, não foi escrita. E é ele quem conta: "Houve não, há, um artesão, um artista chamado Xico Santeiro que modelou em madeira as coisas mais bonitas, como fez Vitalino no barro, em Caruaru. Certa vez, Djalma Maranhão, meu grande amigo de saudosa memória, deu-nos a oportunidade de expor desenhos meus e peças de Santeiro. Então, no final dos discursos, Santeiro chegou a mim e disse: Não tem quem possa, Navarro, nós somos os maiores artistas, eu e você - foi a melhor crítica que recebi".

A Fundação José Augusto, em 1978, numa justa homenagem ao pintor da terra, instituiu o prêmio "Newton Navarro", que é conferido anualmente, e tem como objetivo promover os novos valores no cenário das artes plásticas do Rio Grande do Norte. Todos os trabalhos julgados são expostos por ocasião da entrega dos prêmios aos vencedores.

Quase todos os quadros de Newton estão espalhados, não só em Natal, mas também e, principalmente, no Rio de Janeiro e em Brasília. Entre todos, sempre executados com muito amor, o de que mais gosta é um que teve como tema a figura de São Francisco, que ele chama de Xico, do qual não pensa em se desfazer jamais. É um trabalho em que usou o traço fortemente personalizado, com nanquim, lápis cera e uma aguada de gouache. O resultado foi uma verdadeira obra de arte onde a beleza se confunde com o aspecto simbólico dela emanante, marcando a presença do artista e do poeta.

Transcrevemos, a seguir, alguns depoimentos sobre o trabalho de Newton Navarro, retirados de Catálogos de exposições:

"Os desenhos são excelentes, o que não surpreende quem conhece o seu trabalho, como é meu caso. Recriou o Bumba-meu-Boi dando-lhe uma nova dimensão e fixando para sempre a sua beleza popular". a) Jorge Amado (Academia Brasileira de Letras).

"Os motivos nordestinos têm em Newton Navarro um intérprete de primeira ordem, com gosto artístico e mesmo sociológico, para apreender os tipos e a cultura de uma comunidade brasileira". b) Mauro Mota (Academia Brasileira de Le

tras).

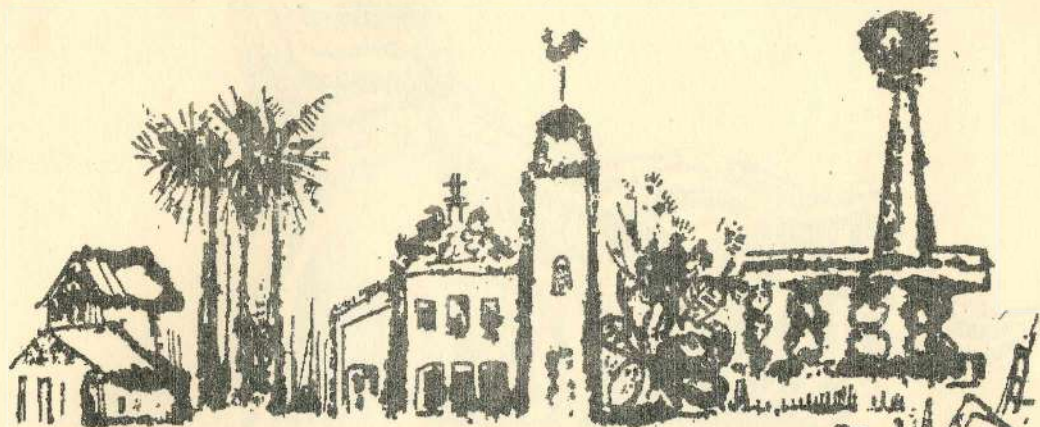
"Navarro traz uma visão de tudo quanto seus olhos amaram ver (...) Newton Navarro, aqui, agora, fixa o imponderável". a) Luiz da Câmara Cascudo.

"... movimento, roupagem e luminosidade incomparáveis de Newton Navarro. Presente, fiel, completo, natural. Com um Índice de valorização. Esses temas não foram vistos pela curiosidade de qualquer-um-turista. Estamos contemplando ângulos artísticos pelos olhos de Newton Navarro. A irradiação misteriosa que halôa os edifícios milionários do Tempo, exige, para a captação, sensibilidade especial e maravilhosa". a) Luiz da Câmara Cascudo.

"Navarro - que é dos desenhistas brasileiros de mais alta graduação que se exija; (...) foi aprendiz de Goeldi. Esse nome tem uma sonância que por si só diz tudo o que quero mencionar. Pois, bem, NAVARRO um homem dessa qualidade é um insulado em Natal. Não participa dessa promoção viciosa dos meios do Sul; mas, isso ele faz por pureza de conduta moral. Mesmo que seja um homem batido pelas suas condições psíquicas e personalidade, ele merece o meu respeito profundo, por causa dessa marginalização a que se determinou, e se a obra dele for salva para uma demonstração de confronto, no futuro, é uma obrigação do Estado preservá-la. Obra que tem um nível muito alto no desenho brasileiro de agora". a) Clarival do Prado Valadares.

"Newton Navarro vale uma cidade inteira. Sobre tudo a Cidade de Natal, onde nasceu. Porque ninguém, mais do que ele, reúne melhor os tons e semi-tons da terra, os encantamentos dos aliseos, a bondade, a boémia tantas vezes, a inteli

gência sempre e sempre. Navarro é uma força da natureza feito gente". a) Veríssimo de Melo.



Newton Navarro apresenta sua cidade com o traço apontador de uma beleza imediata. Não lhe comove o risco de surpreender Natal somente. Vai além. Projeta a alma natalense em desenho carregado de paixão: suas ruas, seus decos, suas esquinas, o mar e o rio riscam-se de encanto e firam-se em nós como que sobrelevados, mágica que o ser guarda e a imaginação constrói.

Natal é cidade talássica por excelência. Reconquistada diariamente por um azul mediterrâneo, posta entre o rio e o mar, de sobreaviso a todos os ventos que fazem a cor das tardes, memória de habitantes noturnos que reencontram na madrugada a aurora aliciadora, Natal se oferece em tempo sempre hábil para que não se perca nunca a oportunidade de se amá-la diante dos repentinos de luz e espaço inesquecíveis.

Navarro teve que se adentrar na geografia dos muros da cidade e pensar as raízes que sustentam a realidade da urbs generosa, diomistina, onde a opacidade jamais teve sua hora e o céu se crispa de nuvens perdulárias.

Já se disse repetidamente que é preciso se ver por trás das coisas, imaginar-lhe o coração solitário, o elemento indivisível, que define realmente essas mesmas coisas, assim como o poeta Vergílio que falava do "sunt lacrimae rerum". A carência no tempo de hoje de o artista voltar-se ao seu mundo único de essência ontológica, torna-o um angustiado para dizer verdades mais urgentes, ou descoberta mais verdadeiras. Mesmo assim, dentro dessa perspectiva histórica, o lírico ainda há de dominar como a categoria especial que foi dada ao artista para que não perca o dom da metáfora, a transfiguração com que nivela o universo a um ritmo explicável de beleza.

Navarro ama o que aqui se vê. Não apenas amou o que viveu em tom dramático e de existencial "pathos" dentro da província. Este álbum são anos inteiros e seguidos por uma interação de Natal com o seu pintor-poeta, convivência onde não faltaram sangue, suor e lágrimas. E seu prolongado alumbramento.

SANDERSON NEGREIROS





navarro.80

CAPÍTULO 6

OBRA LITERÁRIA

- SUBCAPÍTULO 6.1 -

ESCOLINHA DE ARTE "CÂNDIDO PORTINARI"

"A obra de Arte é de certo modo, liberação da personalidade". (8)

A busca do homem no sentido de libertar todos seus impulsos que, ordenados de uma maneira sensível e original, podem se transformar numa realidade de valor artístico, ocorreu com Newton Navarro, não só na expressão plástica como na literária. E é ele quem nos fala: "É muito correlata a pintura com a poesia e outras Arte. Por exemplo - não estou me equivalendo, estou apenas dando um exemplo - Portinari estaria felicíssimo, como deve estar, apenas com a pintura que ele fez. Mas que beleza de poemas escreveu! Picasso dizia que não tolerava música clássica, não ouvia, mas escreveu uma peça de teatro. Cocteau, excelente poeta, excelente romancista, excelente dramaturgo e excelente desenhista. Uns se definem só por uma forma de expressão, outros procuram evasões. A mim, me agrada muitas vezes, escrever um conto. Quando não posso no desenho, na aquarela, num risco de nanquim, atender àquela mensagem que está me gritando interiormente, recorro ao conto ou ao poema para conseguí-lo".

Dando ênfase a seu pensamento, diz o Prof. Veríssimo de Melo sobre o artista: "Navarro é uma das impressionantes aventuras do espírito que conheço na Província. E não há apenas um Navarro - Saliente-se. Há vários. Múltiplos e inquietantes. O pintor, o poeta, o cronista, o orador, o contista, o professor, o teatrólogo, o generoso amigo, - que sei mais? Múltiplos e inquietantes Navarros".

(8) Read Herbert. *O Sentido da Arte*. E. Jacy Monteiro. 3^a ed. São Paulo. IBRASA. 1976. pág. 31.

Sobre seu trabalho literário, adianta Newton: "Escrevi, há mais de 30 anos, 2 livros que publiquei com amor: "O solitário tempo do verão" e "Os mortos são estrangeiros". São coletâneas de fragmentos que, sobretudo, eu vivi ou se não participei assim virtualmente, mas participei intensamente, por ouvir dizer, sempre por pessoas da minha família, do meu sangue. Creio que são cadavres de sangue, de carne, iluminados pelo espírito. Pessoas das mais ternas amizades, muito fortes na cultura brasileira, me deram pronunciamentos diversos sobre esses meus trabalhos, mas nunca os publiquei; tenho-os em cartas que não estão ao acesso público".

Seu primeiro caderno de poemas intitula-se "Subúrbio do Silêncio". Escreveu, em versos, um auto à maneira popular - "O ABC do Cantador Clarimundo", a novela "O Gajeiro Curioso", "Beira-Rio" que focaliza cenas do Cais Tavares de Lira com seus embarcadouros, suas figuras típicas, "Do outro lado do Rio entre os Morros", que evoca épocas da sua infância passada na Redinha.

Para o teatro, escreveu as peças "Via Sacra", "Onde Começa a Cruz" e o show "Hoje tem poesia". Fez adaptações, também para o teatro, de "Um Jardim Chamado Getisemani" e "O Muro" de Sartre.

Desenvolveu atividades jornalísticas assinando colunas diárias na "A República", no "Diário de Natal", na "Tribuna", comentando livros, e comentando fatos da Província.

No dia 26 de outubro de 1967, ingressou na Academia Norte-Riograndense de Letras, quando foi saudado pelo Prof. Veríssimo de Melo que disse, em um dos trechos de sua oração: "A seleção de suas crônicas daria volumes preciosíss."

mos", e lembra na mesma ocasião uma crônica escrita por Newton quando do nascimento de sua filha e que tem o título de "Monique" da qual transcrevemos parte: "E lentamente, quase para me ouvirem, pronunciei o nome sonoro, feito canção, água de riacho manso, respingo de manhã, letra por letra, como gotas de sereno caindo sobre corações amigos: Monique! Deus te cuide, Deus te guarde e te abençoe! E saí. A manhã lavada pela grande chuva da aurora lembrava ainda a simplicidade feliz e perfeita de Monique..." Diz ainda o Prof. Veríssimo de Melo: "Se me perguntassem qual a maior contribuição de Navarro à vida intelectual de nossa terra, diria francamente que ele tem influência de todas as gerações mais novas deste último quarto de século. Influência que só se pode comparar a de Luiz da Câmara Cascudo em muitos outros setores. Influência que se manifesta até no seu rico vocabulário, usado por tantos jovens, e até por gente madura, nos autores de sua preferência, poetas, romancistas, novelistas, artistas plásticos. Navarro é indiscutivelmente o líder intelectual das gerações mais novas do Rio Grande do Norte. — Para mim, não há outra legenda mais significativa para explicar vida e arte de Navarro do que esta que Ortega y Gasset nos oferece: — Viver é sentir-se perdido — e acrescenta o pensador espanhol: — Quem não se sente de verdade perdido, perde-se inexoravelmente". (9)

Em 1979, durante a realização da II Semana da

(9) Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras. nº 09 - 1971.

Cultura Potiguar, pronunciou conferência na Academia Norte-Rio-grandense de Letras, bem como participou dos debates e demais atividades ocorridas no Teatro Alberto Maranhão.

6.1 - Sentindo que havia uma lacuna a preencher no setor de Artes da Cidade, Newton Navarro propôs, em 1960, no governo de Aluísio Alves, a criação de uma Escolinha de Arte. Sua proposta foi aceita e concretizada.

Sendo profundo admirador do pintor Cândido Portinari, ele nos fala do motivo por que escolheu seu nome para dar título à Escolinha: "*Portinari teve uma fase em que desenhou grande número dos meninos de Brodowsky, cidade em que nasceu. Desenhou crianças jogando futebol, crianças isoladas. Eu então achei por bem dar o nome de Cândido Portinari à Escoli nha de Arte numa homenagem a ele como pintor e como pintor de crianças".*

A Escolinha funciona como órgão integrante da Fundação José Augusto e é filiada à Escolinha de Arte do Brasil, com sede no Rio de Janeiro.

Ela é moldada nos mesmos ditames da Escolinha de Arte do Brasil que lidera o movimento - Escolinhas de Arte - visando a integração das atividades criativas em todo o processo educativo, bem como o desenvolvimento da capacidade de criação da criança e o seu ajustamento emocional e social. Estuda os diferentes aspectos dessa criatividade, promove e difunde a importância da arte na educação.

Desde sua fundação, vem promovendo a divulgação do princípio de que a Arte é fundamental ao desenvolvimento da personalidade do indivíduo, considerada como meio natuu

ral de cultura em todas as fases do desenvolvimento humano.

Essa divulgação tem sido feita através de exposições, promoções, participação e orientação para cursos e escolas congêneres, além do próprio aluno.

Mantém intercâmbio com instituições do Ministério da Educação e das Relações Exteriores e com Escolas de Arte Infantil.

Na Escolinha, a criança é o elemento principal e sua liberdade criativa respeitada antes de qualquer coisa.

Atende a crianças na faixa etária de 4 a 12 anos, programando estender seu atendimento a adolescentes.

Já realizou várias exposições em Natal.

Participou de exposições no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Integrou a Exposição Mundial de Arte Infantil, em Tóquio-Japão, em julho/1972. Participou ainda da Exposição Itinerante de Arte Infantil Brasileira, que percorreu os Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco.

A frequência de alunos varia muito. Já chegou a funcionar com quase 200 alunos distribuídos em várias turmas.

É um trabalho válido, realizado com a intenção de acertar.



navarro.80

CAPÍTULO 7

CONCLUSÃO

Newton Navarro representa, sem dúvida alguma, o maior nome das artes plásticas no Rio Grande do Norte.

Pela análise de sua obra e seu conteúdo, pelas características da evolução desse trabalho na apreciação crítica dos que acompanharam toda a vivência, as modificações e as influências sofridas e impostas, concluímos que:

a) O aparecimento do nome de Newton Navarro é um dos fatores mais importantes na introdução da Arte Moderna em nosso meio, através do seu trabalho que se contrapôs a tudo que se vinha fazendo em nosso Estado até o ano de 1949, em matéria de Arte;

b) Sua temática, numa busca de identificação entre o homem e seu mundo, expressa, de modo muito personalizado, toda a influência que o artista sofre do meio em que vive, das coisas que conheceu em toda sua vida, do mundo que o cerca, bem como do misticismo que o envolve no desenvolver de sua obra;

c) A influência de seu trabalho é sentida não só no meio artístico como no meio literário onde seu linguajar, suas expressões, seu rico vocabulário, são usados por pessoas jovens e mais velhas na assimilação daquilo que lhes causa maior impressão e com o que se identificam;

d) O pintor não é uma pessoa essencialmente limitada a seu mundo como artista plástico. Da mesma maneira como se expressa através de um quadro pode se comunicar usando a poesia, o romance, o teatro, a dança, enfim, qualquer linguagem que lhe confira a evasão desejada;

e) Hã muita coerência em Newton quando ele destaca os nomes de maior valor artístico do País e na análise de sua obra, sugerindo uma identificação entre o trabalho daqueles artistas e a forma e o conteúdo eleitos para expressão de seu trabalho;

f) Suas exposições têm causado o impacto da obra de Arte onde quer que tenha se apresentado. Isto pode ser evidenciado em todos os depoimentos e críticas que transcrevemos nesta pesquisa, muito pouco em relação ao que se tem dito e escrito sobre Newton Navarro;

g) Seu interesse em aumentar a potencialidade artística de nossa cidade, fê-lo criar uma Escolinha de Arte que, apesar dos contratempos provenientes de vários motivos, nos faz sentir a necessidade de sua manutenção e solidificação pelo que representa.

A obra do artista, tema de nossa pesquisa, por toda sua significação, deverá ser preservada, a nosso ver, como expressão de uma época sabiamente representada num trabalho de grande valor artístico.

B I B L I O G R A F I A

- 01 - Read Herbert. O Sentido da Arte. E. Jacy Monteiro. 3a.ed. São Paulo, IBRASA. 1976.
- 02 - Fisher Ernst. A Necessidade da Arte. Leandro Konder. 3a. ed. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1971.
- 03 - Read Herbert. As Origens da Forma na Arte. Waltensir Dutra. 2a. ed. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1967.
- 04 - De Melo Veríssimo. Patronos e Acadêmicos. Vol. II Acadêmicos. Rio de Janeiro. Editora Pongetti. 1974.
- 05 - Vera Armando Asti. Metodologia da Pesquisa Científica. 1a. ed. 3a. impressão. Porto Alegre. Editora Globo. 1976.

Dicionários e Enciclopédias

- 06 - Pontual Roberto. Dicionário das Artes Plásticas do Brasil. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira S/A - 1969.
- 07 - Grande Enciclopédia Delta Larrousse. Rio de Janeiro. Editora Delta S/A - 1978.

Revistas

- 08 - Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras. nº 09 1971.
- 09 - Revista do Nordeste. Recife-PE. Outubro de 1969.
- 10 - Contactos. 1971.

India →

Una vez de estar i' seguido de una repa' ante.
"manchado 80", por exemplo.